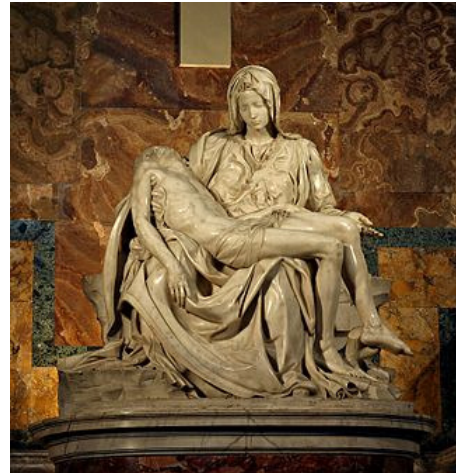


PIETÁ¹

LUCIANA KNIJNIK



Caminhos tortuosos no trabalho de luto

Sabemos que o trabalho de luto envolve uma gama de sentimentos e operações psíquicas para efetuar-se. É espantoso e digno de reflexão que o manual técnico utilizado como referência diagnóstica para inúmeros psicólogos e psiquiatras (DSM) em sua quinta versão passe a patologizar a vivência de luto que ultrapasse o prazo de 14 dias. De acordo com os pressupostos da máquina de diagnosticar e medicar restam duas opções, fazer desta experiência página virada após duas semanas ou ser diagnosticado como portador de uma patologia².

Nossa compreensão psicanalítica nos obriga a pensar sobre as condições que possibilitam aberrações desta ordem. Contudo, movidos por razões diferentes daquelas afirmadas pelos responsáveis pelo manual norte-americano, consideramos a importância de olharmos com atenção para as situações em que o desenlace do luto não acontece a bom termo. Vejamos então algumas asserções de Melanie Klein sobre o tema.

O luto reserva algumas armadilhas para quem precisa superá-lo. Para Klein o maior perigo reside no desvio de seu ódio para a pessoa perdida. Tal ódio pode assumir a característica de triunfo sobre a pessoa morta, gerando ainda mais culpa. Em outras palavras, “quando o sujeito é dominado pelas várias manifestações do ódio ao objeto amado perdido, a pessoa amada não só se transforma num perseguidor, como também abala a crença do sujeito em seus objetos internos bons” (KLEIN, 1996, p. 398).

¹Trabalho apresentado na Jornada de 12 de abril de 2014 no Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

²<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/o-dsm-5-e-o-melhor-que-temos-para-diagnosticar-os-transtornos-mentais>

Como vimos, a reativação da posição depressiva infantil (invariavelmente ligada à esquizoparanoide), é o cerne do trabalho de luto em quaisquer circunstâncias. O desenlace do luto torna visível não somente as vivências atuais, mas a criança de outrora que no presente ainda atua. Seu fracasso torna manifesto um fracasso assaz primitivo: o do estabelecimento dos bons objetos internos e a conseqüente falta de segurança no mundo interior.

Pode-se dizer assim que a posição depressiva não fora superada. Entende-se por superação não o abandono completo de seus enredos, mas a confiança nas habilidades construtivas, na capacidade de dominar seus impulsos agressivos, assim como os maus objetos internalizados. Neste estágio o ego poderia direcionar-se para unificação de suas imagens internas e externas, amadas e odiadas. O apaziguamento do ódio pelo amor acarretaria a conquista de um processo global de integração.

Entretanto um alerta é necessário, já que, como sabemos, nem todos saem bem do trabalho de luto. É o que veremos a seguir.

Quando o luto se faz questão

Os colegas aqui presentes podem agora estar se perguntando sobre os rumos que o presente estudo tomará. Alguns terão sucumbido à curiosidade espiando as páginas seguintes no intuito de antecipar o que está por vir. Os mais despertos podem estar exercitando seu pensamento, imaginando que outros percursos conceituais poderiam ser traçados ou recordando o que dizem diversos autores acerca da temática. E resta ainda um grupo, exaurido pelo cansaço da semana ou esgotado da imersão conceitual, entregue às próprias lembranças e ao sabor do café. E talvez haja ainda mais alguém se perguntando: afinal, por que dedicar tantas páginas ao luto? Qual a relevância de visitar um tema já estudado? Por onde andaria a vida/clínica/análise da candidata para debruçar-se sobre esta questão?

Ponderações legítimas e que convocam a autora em questão a prosseguir. Respalhada em Melanie Klein poderia apenas dizer que a relevância da compreensão acerca das experiências de luto reside no fato de que “qualquer dor trazida por experiências infelizes, qualquer que seja sua natureza, tem algo em comum com o luto. Ela reativa a posição depressiva infantil; a superação de qualquer tipo de adversidade envolve um trabalho mental semelhante ao do luto” (KLEIN, 1996, p. 403).

Na medida em que o luto pode ser encarado não só como a perda de alguém ou algo querido, mas como o processo que envolve dar conta da dor acionada por

experiências infelizes, todos já passamos por algo semelhante, tanto em nossa própria vida como na escuta clínica cotidiana. Isso já seria suficiente, mas houve algo a mais.

Enquanto transcorria o seminário em que estudamos e discutimos alguns dos principais conceitos de Melanie Klein tive a oportunidade de entrevistar a mãe de um desaparecido político. Dona Sara Basso, uma senhorinha miúda de 80 anos, mãe de Jorge Alberto, desaparecido na Argentina aos 25 anos. Dona Sara procurou pelo filho assiduamente na Argentina. No Brasil, lutou com outros familiares em busca de informações. Até hoje desconhece as circunstâncias do seqüestro e do assassinato do filho. Com o passar do tempo renunciou à luta. Subitamente, há alguns anos, foi acometida por uma paralisia de membros, seu lado direito ficou totalmente paralisado. Fez inúmeros exames e nenhuma lesão orgânica foi diagnosticada. A paralisia foi explicada como resultante de uma isquemia, diagnóstico impreciso que intriga Dona Sara.

Nosso encontro tinha o objetivo de subsidiar a escrita de um texto biográfico, ou biografemático. Chamamos de biografemas as produções que tomam relatos de vida como ponto de partida para produções que não tem necessária correspondência com fatos reais, situando-se mais próximas do campo da literatura.

Apesar de o referido encontro ter ocorrido fora do âmbito psicanalítico, sabemos que o percurso da formação analítica é um caminho sem volta. O conhecimento que adquirimos de nós mesmos, a porosidade do corpo e da escuta clínica não mais nos abandona. Assim, mesmo tendo realizado a entrevista fora de um contexto estritamente clínico, a escuta do relato daquela senhora, o cansaço do meu corpo, a observação de seus gestos, e a percepção da dura ausência de lágrimas em seu rosto, adquiriram tonalidades psicanalíticas.

A redação do biografema a partir do meu encontro com Dona Sara, entretanto não poderia explicitar minha escuta em sua radicalidade, já que estávamos regidas por outro contrato. Vamos ao texto resultante:

Ser habitada por outras almas. Tangenciar o fora em sorradeira e ludibriosa aproximação até que, das próprias dobras, outro possa emergir, parasitar-se, mimetizar-se. O ventre se expande, as palavras insurgem, as células se multiplicam, o delírio é encenado, um bebê cresce, a obra pede passagem, nasce, para o mundo.

Pietá carrega o filho morto em seus braços. O corpo inerte repousa sobre seu hemisfério direito. Não pode enterrá-lo, tampouco trazê-lo à vida novamente. Assim permanecem. O tempo passa. O peso faz adormecer seu braço direito. Não pode

abandoná-lo. Seu lado direito está ocupado em aconchegar o filho sem sepultura. Uma mãe acolhe o rebento novamente em suas carnes.

Junto ao peito, Sara Basso carrega uma miúda medalha com a foto em preto e branco do filho Jorge Alberto. Quando fala no primogênito seu rosto se ilumina. Lembra com graça de seus modos. A voz grave, o macacão de operário, o desinteresse pelos almoços de domingo, os jogos de infante.

Acende uma vela junto ao altar. Por alguma estrangeira razão a oração diária desaparece. As crianças na calçada brincam de caçar insetos e embaralhar línguas. Estranhas e descontraídas vizinhas, Argentina e Brasil. Filhos de duas terras, nascidos portenhos, estirados gaúchos.

Entre fronteiras dissonantes crescera seu adocicado cravo. Junto dos irmãos, brincadeiras, desigualdades, clássicos, tios e injustiças, seu menino ganhou altura. Encontrou-se na militância e na história.

Acompanhava as chegadas e partidas do filho, os lençóis, por vezes intactos. Tentava, sem sucesso, despistar as preocupações: a agitação política, a falta de apetite, a presença da polícia. Velas acesas.

A despedida de Jorge Alberto foi sem lágrimas. Sim, estaria em segurança no Chile. Aguarda notícias com ansiedade. No dia marcado do carteiro permanece em casa, um plantão silencioso. Recebe cada envelope como se ouvisse o filho, apressado, tocar a campainha. Teimava em andar sem chaves. Observa o envelope contra a luz. Arrasta o conteúdo para um lado e para outro. Rompe suas bordas delicadamente com a tesoura. Assim que seus olhos encontram a primeira letra, percebe as modulações de sua voz, o suave aroma de cravo. Seus olhos abruptamente estacionam nos intervalos entre uma palavra e outra. Gagueja o que ainda resta ser dito.

Amanhece. Na alegria do encontro que se aproxima faz e refaz compotas, planos e cachecóis. Sente o calor do abraço do filho, o sorriso com o gosto dos biscoitos recém assados, a surpresa diante dos livros cuidadosamente camuflados, entre peças de roupa e embrulhos de presente.

Anoitece. O gelo toma conta da Cordilheira. Impossível encontro. Mais um golpe. Allende. Novo exílio.

Pela fresta da janela pode ver o movimento do carteiro junto à caixa de correspondência. Desta vez, a alegria e o entusiasmo cedem lugar à apreensão. O castelhano de Victor está trêmulo. Com poucas palavras anuncia que Jorge Alberto está desaparecido.

Sob a sombra do Condor retorna para Argentina em busca do filho. Austera percorre quartéis, a Casa Rosada, delegacias, a Praça de Maio. Espectadora, assiste ao desespero de mães, esposas e filhos. Anda em vão. O frio congela ruas, esperanças, paisagens e lágrimas.

Permanece, contíguo ao seu corpo, alheio a passagem do tempo, o filho em tons de preto e branco. Sara Basso, vela os olhos azuis camuflados na fotografia cinza e o perfume dos cravos vermelhos. Aguarda pacientemente a concessão de uma certa liberdade digna do repouso em sepultura para seu filho Jorginho.

Pietà

Pietà, uma das mais famosas esculturas de Michelangelo, cria em mármore Jesus Cristo morto nos braços de Virgem Maria. A obra data de 1499 e hoje pode ser vista na Basílica de São Pedro, no Vaticano.

A figura da mãe que carrega o filho morto, emaranhado em suas vestes fora o meio utilizado para sair de um impasse. Impasse diante das refinadas construções psíquicas frente um luto impossível. Impasse frente aos efeitos da perversidade de um Estado que obriga uma mãe a viver toda uma vida sem saber o que passou com seu filho, sem poder velar seu corpo, privada de uma lápide para prantear seu assassinato.

Apesar de o biografema apresentado estar por ora concluído, persistem inúmeros questionamentos. Perder a esperança de encontrar o filho com vida não seria decretar sua morte, cometendo ela mesma, a própria mãe, simbolicamente um assassinato? Apaziguar-se com essa história não seria silenciar a violência que se perpetua ao longo de décadas? Como suavizar o peso desta tragédia?

O percurso realizado neste trabalho teve como objetivo olhar para alguns aspectos dos processos de luto considerando as sutilezas dos mecanismos psíquicos de cada sujeito, assim como situar a composição sintomática no seu particular plano histórico, social e político. Acreditamos que ambos os planos não são mutuamente excludentes. Ao focar nossa lente exclusivamente no sujeito corremos o risco de tirá-lo de um campo de forças que nele também operam. Por outro lado, alienar do sujeito seu compromisso com o sofrimento seria um meio silencioso de anular suas possibilidades de transformação.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia* (1917). Obras completas. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 12.

KLEIN, Melanie. *Amor culpa e reparação* (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PETOT, Jean-Michel. *Melanie Klein I: primeiras descobertas e primeiro sistema, 1919-1932*. Volume I. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto, 1932-1960*. Volume II. São Paulo: Perspectiva, 2003.